

Esse dossiê de Vivência: Revista de Antropologia trata de uma atividade corriqueira, e presente no Brasil desde tempos imemoriais : a pesca. Ainda que seja vivenciada de norte a sul de nossos mais de 6 mil quilômetros de costa marítima, e de leste a oeste nos incalculáveis percursos de água doce, a pesca não tem merecido da antropologia brasileira uma atenção que iguale essa onipresença. Ou da Antropologia em geral. Embora presente em muitas monografias clássicas, são poucos os trabalhos que enfocaram exclusivamente a pesca. Robert Firth, em *Malay Fishermen* (1946), embora incluído a pesca nas sociedades camponesas, considerou como características estruturais do processo de trabalho na pesca o fato da degradação rápida do seu produto implicar no desenvolvimento de técnicas mais especializadas de conservação e sua entrada rápida no comércio. Economia especializada, ela é muitas vezes um trabalho secundário porque complementar a atividade agrícola (Beck 1979, Acheson 1981, Diegues 1983; ou ao turismo (Rial, Gódio 2006).

Por sua natureza de trabalho com resultados aleatórios e em muitos casos incluído riscos, frequentemente a pesca envolve rituais, crenças (Maués 1990) e festas (Andrade 2016). A seus praticantes são imputados valores como a valentia e a coragem (Teles 2002), em muitas sociedades atribuídos exclusivamente ao gênero masculino. Como estudos recentes no entanto tem mostrado, o papel das mulheres na atividade pesqueira, mais do que inexistente, tem sido invisibilizado. Subestimou-se a presença das mulheres na pesca; ela existe: em trabalhos de processamento de pescados (Hellbrandt et alli 2006), como “fileteiras” e descacadoras de frutos do mar, como trabalhadoras em aquicultura, enquanto negociantes (como em Cabo Verde (Rosabal 2016), e até mesmo como pescadoras em mar-aberto, no Brasil como em outros lugares no mundo (Thompson et alli 1983).

A primeira vista, a pesca seria uma atividade livre dos ditames da propriedade e de fronteiras por elas impostas, porque se realiza em um espaço sem-dono - o mar, rios, lagoas - e porque envolve um bem móvel e de presença e quantidades imprevisíveis. No entanto, como muitos antropólogos tem mostrado (Maldonado

1994) o espaço haliêutico é territorializado e as fronteiras invisíveis traçadas e respeitadas. A imprevisibilidade dos estoques e sua relativa escassez faz com que a localização dos sítios abundantes sejam alvo de segredo criando redes de solidariedade e de trocas de informação (Gódio 2005).

Mais do que um trabalho, a pesca é um ofício, que evoca tanto uma qualidade do sujeito - o domínio da arte da pesca - quando o seu pertencimento a uma filiação coletiva de transmissão de conhecimento e uma inclusão em um conjunto de regras de hierarquias, que devem ser respeitadas e regem as relações entre os integrantes do ofício e o seu meio ambiente. Essa concepção da atividade regida por um direito constitucional e uma hierarquia de saber é ameaçada quando instituições do Estado e leis passam a vigorar, as vezes protegendo pessoas e coisas, mas muitas vezes colocando em risco o que antes era protegido coletivamente (Coelho 2006). O maior risco ao ofício, no entanto, é a taylorização da pesca e sua transformação em atividade industrial, implicando no ingresso de grandes capitais. Também o capital imobiliário impacta a atividade. A gentrificação dos bairros habitados por pescadores (Lago 1983) e sua conseqüente expulsão é outro vetor de mudança nas comunidades pesqueiras.

#### Referências

ACHESON, James M. Anthropology of Fishing, *Annual Review of Anthropology*, vol.10, p. 275-316, 1981.

Andrade, Cleomar F. C. J. De. 2016. Da pesca à Festa de São Pedro em Tambaú. Em *Vivência: Revista de Antropologia*, n.47 (Muller, Francisca et alli (org) Dossiê Populações Costeiras e Ribeirinhas).

Beck, Anamaria. 1979. *Lavradores e Pescadores: um estudo sobre o Trabalho familiar e trabalho acessório*. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC.

Coelho, Karina da Silva 2006. Entre a terra e o mar: notas sobre o direito costumeiro e a divisão entre famílias caiçaras do litoral norte paranaense. Em *Vivência: Revista*

*de Antropologia*, n.47 (Muller, Francisca et alli (org) Dossiê Populações Costeiras e Ribeirinhas).

Diegues, Antonio Carlos. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

Firth, 1946. *Malay Fishermen*. Londres: Kegan Paul.

Gódio, Matias *500 quilos: etnografia visual de uma comunidade de pescadores na Barra da Lagoa*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFSC.

Hellebrandt, Luceni et ali. 2006. Pesca e gênero: reconhecimento legal e organização das Mulheres na “Colônia Z3” (Pelotas/RS – Brasil). Em *Vivência: Revista de Antropologia*, n.47 (Muller, Francisca et ali (org) Dossiê Populações Costeiras e Ribeirinhas).

Lago, Mara. 1983. *Memória de uma Comunidade que se transforma: de localidade agrícola a balneário*. Dissertação de Mestrado, UFSC.

MALDONADO, Simone C. *Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1994.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: EDUFPA, 1990.

RIAL Carmen; GÓDIO, Matías (org.), *Pesca e turismo: etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul*. Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC, 2006.

Rosabal, Damaris. *Mulheres na Pesca em Cabo Verde* (título provisório). Projeto de qualificação de doutorado, PPGICH, 2016.

Teles, Anamaria. *Sereias e Anequins: uma etnografia visual com pescadores artesanais*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFSC.

Thompson, Paul., Walley e Luminist 1983. *Living the fishing*. Londres: Routledge and Kegan Paul.